

## **MATERNIDADES PERIFÉRICAS: ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE AS REPERCUSSÕES INTERSECCIONAIS NA VIVÊNCIA DA MATERNIDADE**

Maria Eduarda Brito Martins (PIBIC-AF-IS/FA), Glaucia Valéria Pinheiro de Brida (Orientadora). E-mail: gvpbrida@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

**Área e subárea do conhecimento: Psicologia, Psicologia Social.**

**Palavras-chave:** Mães-Solo; Psicanálise; Interseccionalidade.

### **RESUMO**

No Brasil, 11,3 milhões de domicílios são chefiados por mulheres mães-solo. Diante das dificuldades enfrentadas no exercício da maternidade por mulheres negras residentes em periferias, o presente trabalho objetiva investigar as repercussões psíquicas na vivência da maternidade solo a partir das interseccionalidades entre gênero, raça, classe e território, em mulheres residentes nas periferias em centros urbanos. Trata-se de um estudo exploratório, por meio do método psicanalítico articulado aos estudos de gênero. A pesquisa foi desenvolvida a partir da escuta flutuante dos documentários *Eu quero ouvir Maria* (2022) e *Mãe Solo* (2022), com foco nas dimensões conscientes e inconscientes presentes nos relatos das mulheres participantes. Os resultados evidenciaram quatro categorias de análise: Repetições e ressignificações: heranças relacionais familiares na prática materna; “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”: redes de apoio e a comunidade do cuidado; O peso da ausência e o desafio da presença: impactos da figura paterna no maternar; A vida que se (re)faz com a maternidade: projetos de vida em movimento. As análises mostraram que a maternidade periférica se constitui em meio a diversas tensões e revela como as marcas da desigualdade de gênero, classe e raça se articulam ao psiquismo. Conclui-se que a experiência materna dessas mulheres se configura num fenômeno coletivo-social-emocional, em resistências e reelaborações que se produzem a todo momento frente aos desafios.

### **INTRODUÇÃO**

A maternidade é historicamente construída e atravessada por dimensões sociais, culturais e políticas que definiram o papel das mulheres, frequentemente restringindo-o ao cuidado exclusivo dos filhos. Embora avanços como o acesso à contracepção e as lutas feministas tenham ampliado os direitos das mulheres, persistem desigualdades interseccionais entre gênero, classe, raça e território. Nas periferias urbanas, a realidade das mães-solo, majoritariamente negras, revela sobrecarga, precariedade e ausência de apoio paterno, compondo um cenário atravessado por múltiplas opressões (Benatti et al., 2020).

Lélia Gonzalez (2020) destaca que as últimas décadas no Brasil foram marcadas por uma “modernização conservadora excludente” (p. 86), em que a ampliação dos direitos promovida pelo feminismo liberal partiu de uma concepção universalizante dos direitos humanos, que não reconhece as desigualdades estruturais atravessadas por raça, classe, sexualidade e território. Tal perspectiva, ao privilegiar a experiência de mulheres brancas da classe média, deixou à margem as experiências de mulheres negras, que são historicamente reduzidas a determinados estereótipos dados como inferiores, e que são responsáveis pelo sustento de suas famílias em contextos de vulnerabilidade.

Dessa forma, este estudo visa compreender as repercussões psíquicas na vivência da maternidade solo a partir das interseccionalidades entre gênero, raça, classe e território, em mulheres residentes nas periferias em centros urbanos.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa trata-se de estudo qualitativo e exploratório, que visa trazer familiaridade com a problemática em questão e torná-la mais explícita (Gil, 2002). Para isso, foi desenvolvida a pesquisa em psicanálise com método psicanalítico, que investiga fenômenos psíquicos e socioculturais fora da clínica por meio das relações de transferência e contratransferência entre objeto, teoria e pesquisadora (Figueiredo; Minerbo, 2006).

Os materiais da pesquisa consistiram nos documentários *Eu quero ouvir Maria* (2022), produzido por Cristiane Rosa; e *Mãe Solo* (2022), produzido por Danilo Stael. Mediante a escuta flutuante do material, buscou-se apreender os sentidos das vivências das mulheres. Os dados foram analisados de acordo com as contribuições teóricas da Psicanálise e do Feminismo Decolonial.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos materiais evidenciam um conjunto de experiências singulares que se repetem em padrões estruturais dos atravessamentos da vida de mães periféricas. Ao narrar suas vivências, essas mulheres revelam marcas da desigualdade social, racial e de gênero, que afetam seus processos psíquicos e o modo como constroem e vivem a maternidade. A partir dos relatos, os dados analisados foram sistematizados em quatro categorias analíticas.

A primeira categoria “Repetições e ressignificações: heranças relacionais familiares na prática materna”, evidencia que a infância dessas mulheres, marcada pelas suas próprias vivências com figuras cuidadoras, impacta no modo como exercem a maternagem na vida adulta. Observa-se transmissões que transmissões transgeracionais psíquicas, relacionadas ao cuidado ou violências, se atualizam na relação com suas/seus filhas/os e parceiros.

A segunda categoria, intitulada como “*É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança*”, aborda as características da rede de apoio das mães-solo: na maioria das vezes, composta por outras mulheres - familiares, amigas, vizinhas - que assumem as funções de cuidado coletivo. Trata-se

como uma das formas de resistência diante das negligências das políticas públicas e da ausência dos pais de seus filhos, reafirmando que o maternal não se realiza isoladamente, mas como prática vivenciada por vínculos sociais.

Já a terceira categoria: “O peso da ausência e o desafio da presença: impactos da figura paterna no maternal”, evidencia os impactos da presença ou ausência da figura paterna de suas crianças. Quando inexistentes, recai sobre a mãe a totalidade das funções, gerando sobrecarga, frustração, e muitos sentimentos ambivalentes. Percebe-se que o modo como essa ausência afeta seus filhos, as atravessam, de modo a influenciar seus próprios psiquismos. decisões e modos de agir.

Por fim, a quarta categoria “A vida que se (re)faz com a maternidade: projetos de vida em movimento”, aborda as formas como a maternidade atravessou o projeto de vida dessas mulheres para além do cuidado com os seus filhos - seus sonhos, vida profissional, social. A experiência materna passa a estruturar projetos de vida, expectativas e subjetividades, ao mesmo tempo em que lutam para encontrar seu lugar e ressignificar suas experiências enquanto mães solo.

## CONCLUSÕES

Ao identificar as interseccionalidades que afetam essas mulheres, suas relações com a comunidade e seus filhos, os resultados demonstram que a maternidade periférica, sobretudo na experiência de mães-solo negras, é atravessada por desigualdades sociais. A vivência da maternidade é influenciada pelo histórico familiar, centralidade das redes de apoio femininas, ausência paterna e essas experiências redefinem as rotas de suas vidas. Nesse sentido, compreendemos que a maternidade emerge como um fenômeno, coletivo e social, em que dimensões emocionais e estruturais se entrelaçam, revelando resistências, sofrimentos, potencialidades e reelaborações diante das adversidades. Destacamos assim, a importância de que profissionais das políticas públicas no território, em especial os da saúde mental, reconheçam a singularidade dessas vivências para além da noção de sujeito universal, de modo a evitar processos de revitimização e ampliar práticas de cuidado a esse público.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação Araucária (FA) pela concessão de bolsa financiadora para o desenvolvimento deste trabalho, à minha professora orientadora e aos que estiveram ao meu lado durante o processo de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BENATTI, A. P. et al. A maternidade em contextos de vulnerabilidade social: papéis e significados atribuídos por pais e mães. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 24, n. 02, p. 130-141, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/59856/41441>. Acesso em: 24 fev. 2025.

EU Quero Ouvir Maria. Direção: Samuel Sasso e Rafael Sasso. Produção: Cristiane Rosa e Marcela Camasmie. São Paulo: Coletivo Sasso, 2022. Youtube.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em Psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun./2006. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2025.

GIL, A. C. Pesquisas exploratórias. In: GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002, p. 41. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf). Acesso em: 26 fev. 2025.

GONZALEZ, L. Mulher negra. In: RIOS, F.; LIMA, M. (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Zahar: Rio de Janeiro, 2020, p. 84-100. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025.

MÃE Solo. Direção: Camila de Moraes. Produção: Danilo Stael. Salvador: Aworan, 2022. Youtube.